

# FORMAÇÃO HUMANA: UTOPIA AINDA NO HORIZONTE?

Educação e formação humana, categorias teóricas e históricas com centralidade nos estudos, reflexões e militância do professor Ivo Tonet, graduado em Letras, mestre em Filosofia e doutor em Educação, professor de Filosofia da Universidade Federal de Alagoas, tem experiência na área de Filosofia Política, atuando com destaque nos seguintes temas: socialismo, marxismo, política e educação, e que ao longo de sua trajetória acadêmica chama atenção para a necessidade de um projeto civilizatório, radicalmente adverso ao imposto pela atualidade de um mundo capitalista em crise.

AUTORA:

**ELZA MARIA CAMPOS**  
MESTRE EM EDUCAÇÃO,  
PROFESSORA DO CURSO DE SERVIÇO  
SOCIAL DO UNIBRASIL CENTRO  
UNIVERSITÁRIO

Educar, formar a humanidade para uma sociabilidade solidária e esperançosa. Utópico? Em meio à crescente barbárie socioeconômica induzida pelo sistema capitalista mundial em crise crônica. Possível? O professor Ivo Tonet, convidado pelo Projeto Academia UniBrasil para encerrar as atividades do EVINCI, coloca diante de sua audiência essa indagação perturbadora.

Alienação, exploração, dispersão, fragmentação da civilidade humana, a perda paulatina da força de trabalho humana como geradora de valor é o que cada vez mais se constata nos maiores países do mundo. Gerando miséria, desemprego, caos social.

Desde os estudos de Marx, no século 19, aprende-se que o sistema capitalista, por suas contradições internas, está sujeito a cíclicas crises. Com o advento da etapa monopolista-imperialista, o sistema já passou por duas Guerras Mundiais, se recompôs após cada uma delas, mas de novo adentrou, há dez anos, em débâcle que leva centenas de milhões de seres humanos a não terem de onde tirar sustento, moradia, saúde digna, educação, perspectivas. O capital sobrevive, acumula-se, multiplica-se, reproduz-



Elza Campos, Ivo Tonet, Glacielli de Oliveira, Camile Luciane da Silva, Isabella Jordão de Camargo.



Ivo Tonet

se da geração de valor pelo trabalho humano. E, no entanto, cada vez mais a força de trabalho humana é descartada.

As potencialidades das pessoas para a criação de conhecimento e de riquezas são imensas, mas o sistema econômico prevalente no mundo impede que isso seja socializado e convertido em benefícios para todos.

A lei geral de acumulação do capital, estudada por Marx em "O Capital", indica a busca aflita pelo lucro, a qualquer custo, e em nosso mundo contemporâneo isso atinge o auge, à procura da mais elevada produtividade e da maior exploração da classe-que-vive-de-trabalho.

No entanto, o professor Tonet lembra que a educação passou por momentos altos da trajetória humana, embora o cultivo do espírito nunca pudesse ser

privilégio da maioria do povo. Na antiga sociedade Greco-romana posterior a Sócrates, as questões atinentes ao trabalho de transformação da natureza, da manipulação da matéria para a produção da riqueza, passaram a ser desvalorizadas e reservadas a escravos. Até o advento do capitalismo, o exercício do trabalho era de responsabilidade de seres considerados de condição inferior, dirigindo-se a formação aos chamados cidadãos que se dedicavam integralmente às atividades de cunho espiritual. Na Idade Média, profundo era o desnível entre trabalho material e as atividades espirituais, resultado das condições de domínio absoluto de poder do senhor feudal sobre o inculto campesinato servil.

Entretanto, em tempos bem mais antigos, segundo Tonet, por cerca de 290 mil anos não existia o conceito de classe social, sendo a vida coletiva de partilha e de solidariedade.

Na sociedade primitiva, a formação dos indivíduos era um processo do qual participava diretamente toda a comunidade. Todos tinham acesso ao patrimônio material e espiritual da comunidade.

O surgimento da diferenciação das classes sociais começa a partir da criação da propriedade privada e da opressão da mulher, que passa a ficar limitada ao espaço privado e como se do ser masculino fosse propriedade. Desde as primeiras sociedades escravistas, deram-se diferentes processos de acumulação e de desenvolvimento das forças produtivas, que conduziram ao capitalismo de nossos dias.

Para Marx, o conceito de classes sociais surge no devir histórico, do agir dos agentes sociais que levaram à divisão

do trabalho, em que o Estado é criado para representar os interesses da classe dominante, ao lado de diversos aparatos para manter a estrutura da produção e de opressão sobre classes subalternas. No “manifesto comunista”, lavrado por Marx e Engels, é bem conhecida a frase desses autores de que “A história de todas as sociedades, até hoje, é a história da luta de classes” (Engels, em edição posterior, acrescentou a observação de que dessa história não se considere os séculos muito antigos das comunas primitivas).

## “A história de todas as sociedades, até hoje, é a história da luta de classes”

O trabalho formou o Homem, e com ele modificou a Natureza e a si próprio. Assim, o trabalho é categoria fundante do ser social, porque atende à necessidade primeira de toda sociabilidade: a produção dos meios de



produção e de subsistência sem os quais nenhuma vida social poderia existir. Em segundo lugar, porque o faz de tal modo que já apresenta, desde o seu primeiro momento, aquela que será a determinação ontológica decisiva do ser social, qual seja, a de que, ao transformar o mundo natural, os seres humanos também transformam a sua própria natureza, o que resulta na criação incessante de novas possibilidades e necessidades históricas, tanto sociais como individuais, tanto objetivas quanto subjetivas.

Com o advento do capitalismo o trabalho tem centralidade, mas como trabalho produtivo, o espiritual, fica em segundo plano. Trabalho é atividade social, histórica e transformadora. Não nascemos humanos, nos humanizamos através do trabalho, enfatiza o professor Tonet. É dada a Marx a perspectiva de valoração

humana, uma revolução: os fundamentos de uma concepção radicalmente nova de formação humana. A articulação entre espírito e matéria, entre subjetividade e objetividade, entre interioridade e exterioridade social.

Segundo Marx, o ato do trabalho funda o ser social – atividade eminentemente social, porque o ser não se faz só, se faz no trabalho articulado e inteirado com outros homens.

Tonet assinala que com a sociedade de classes, a educação foi sequestrada - organizada em seus conteúdos para atender os interesses das classes dominantes.

A educação deve ser pensada no próprio contexto da relação entre capital e trabalho, no sentido da própria formação humana. Nesse sentido, a educação na sociedade



de classes é condicionada pelo capital, a educação da classe trabalhadora acompanha as demandas do processo de produção. O professor questiona, para tal, o que é formar humanamente uma pessoa? Para ele, não é só fazer uma coisa boa, é preciso examinar o que está acontecendo no concreto da sociedade que é formada por classes sociais que lutam entre si. Na sociabilidade capitalista, a formação humana é sempre histórica e socialmente datada, resultado de um acúmulo e de uma processualidade. O indivíduo singular vai se constituindo como membro do gênero humano; poderíamos dizer em uma condição sucessiva, por isso qualquer obstáculo a essa apropriação é um impedimento para o pleno desenvolvimento do indivíduo e da humanidade.

Mas, a relação de trabalho capitalista impede uma formação autenticamente humana, sendo que a educação neste contexto contribui para a desumanização do trabalhador, tendo como elementos: 1) formar para o trabalho no atual estágio é na verdade a criação de uma determinada mercadoria para venda no mercado; 2) formar para o exercício da cidadania, conforme artigo 215 da Constituição Federal, é absolutamente impossível.

Para ele, a formação humana integral é impossível nos marcos do capital. Uma formação realmente integral supõe a humanidade constituída sob a forma de uma autêntica comunidade humana e esta pressupõe necessariamente a supressão do capitalismo. Ao finalizar sua exposição, o professor Tonet cita Thomas Hobbes com sua célebre frase pessimista (e por isso a-histórica): “O homem é o lobo do homem”, alusão à atitude autodestrutiva da Humanidade,

Ficou uma pergunta ao professor Ivo Tonet: como formar para a emancipação humana em um contexto de avanço desmedido do capital sobre o trabalho? É possível cultivar a utopia por uma nova sociabilidade, por uma liberdade plena sob uma conjuntura eivada de egoísmo? O professor refletiu em um artigo de sua autoria: “Como conquistar a plenitude” (Tonet, 2010): mudar o mundo passou a ser utopia, e mudar radicalmente o mundo parece impossível.

Entretanto, ainda recordando o jovem Marx: “A Humanidade nunca se colocou problemas (perante si) que não pudesse resolver”. ●





UNIBRASIL